

no Rio da década de 1840; a consolidação e internalização do circuito lírico de 1850-1860; o apogeu da ópera nos anos 1870-1880.

Richard Wagner definiu as óperas românticas como formas culturais totais, pois nelas convergiam todas as demais artes. À literatura correspondia o enredo; ao teatro, a encenação, o figurino e o cenário; já o canto e a orquestra representavam a musicalidade. Não por coincidência, história e lenda cercam um pretense encontro entre o imperador e Wagner. Dizem que Pedro II, fã confesso do compositor, compartilhava com ele um camarote numa sessão do La Scala de Milão quando lhe fez um duplo convite: que o afamado músico viesse ao Brasil e compusesse uma ópera em estilo europeu, mas ambientada nos trópicos. Caso tivesse ocorrido, esse episódio poderia corresponder, exemplarmente, ao conceito de “ópera flutuante”. Contudo, por vias tortas e novamente, o malogro revela a importância do gênero na sociabilidade cortesã oitocentista carioca.

Este é um livro que se lê ouvindo, que se segue assobiando. Com erudição e empatia, seu autor nos transporta para o contexto do Segundo Reinado, rumo a uma Corte nacional/estrangeira cuja imaginação elitista era mais europeia do que americana. Leia com fone de ouvido!

LILIA MORITZ SCHWARCZ

Ópera Flutuante é uma introdução incontornável ao contexto lírico brasileiro do Segundo Reinado. Marcelo Diego estabelece um produtivo paralelo com o conceito de “sistema cultural”, criado por Antonio Candido – que inclui o triângulo constituído pelos produtores, pelos receptores e pela própria linguagem –, mostrando o impacto que o repertório operístico teve sobre a literatura produzida no Rio de Janeiro, então capital do Brasil. Não por acaso, o apogeu da ópera coincide com a fase madura dos romances de Machado de Assis, ponto culminante da tradição romanesca oitocentista local. O autor nos conduz como um maestro a entender o papel central que o gênero teve no ambiente cultural da época, permitindo-nos escutar o texto, imaginar a encenação e vestir o figurino dos cantores, em sua maior parte internacionais. Não há como deixar de cantar ao ler este livro.

LILIA MORITZ SCHWARCZ
Universidade de São Paulo



edusp 60 anos

ÓPERA FLUTUANTE

MARCELO DIEGO

edusp

ÓPERA FLUTUANTE

Teatro Lírico,
Literatura
e Sociedade no
Rio de Janeiro do
Segundo Reinado

MARCELO DIEGO

edusp

No início do século XX, um jovem Lima Barreto se preparava para, junto com amigos da faculdade, pular os muros de uma casa e assistir a uma função no Teatro Lírico, que recebia naquela noite uma famosa companhia italiana. Na última hora, desistiu: era negro e seria preso como “ladrão”. O episódio não passaria de brincadeira fútil se não revelasse o racismo da sociedade brasileira e a popularidade da ópera naquele contexto.

O livro de Marcelo Diego não chega à República, concentrando-se no período do Segundo Reinado. Mas apreende com imensa sensibilidade a centralidade social do gênero. Já a expressão “ópera flutuante” revela como, a despeito de a prática musical ser protagonizada por companhias, artistas e repertórios estrangeiros, o circuito lírico ganhou público e capilaridade nacionais. O autor demonstra, ainda, como seu desenvolvimento coincidiu com a consolidação da produção romanesca, fazendo com que, ao mesmo tempo que casas de espetáculo tornavam-se centrais no Rio de Janeiro, livrarias passassem a aglutinar escritores e leitores, ambas formando padrões de gosto.

O texto acompanha, de forma cronológica, a própria dinâmica que uniu o gênero lírico, a literatura e a sociedade de Corte, organizando-se em três atos: a instalação das companhias europeias